



TEM MULHER NA RODA? PERSPECTIVAS FEMINISTAS SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO E FEMINILIDADE NA CAPOEIRA

Paula Natanny Rocha Bezerra

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Procura-se compreender, por meio de uma perspectiva feminista e de gênero, constituição de feminilidades de mulheres que praticam capoeira. A estratégia de observação, para escrita etnográfica, baseia-se nas experiências e performances desenvolvidas no 4º Encontro Feminino de Capoeira, realizado em 2013, em Recife. Percebendo o universo capoeirístico enquanto espaço majoritariamente masculino, tento visualizar, ainda num momento de aproximação, de que maneira as categorias de feminino e masculino perpassam as performances, experiências e práticas cotidianas vividas pelas mulheres neste espaço. Acredito que o entrelaçamento entre as dimensões simbólicas e práticas viabilize revelar reproduções e mudanças nas assimetrias de gênero, podendo contribuir para aprofundar a compreensão de desigualdades entre homens e mulheres em instâncias sociais definidas, hegemonicamente, como adequadas para constituição de masculinidade, como é a capoeira.

Palavras-chave: Capoeira. Gênero e feminilidade. Femenismo.

Prólogo

Neste texto tento trazer algumas reflexões sobre experiências, vivências e interpretações sobre a constituição de feminilidades em mulheres capoeiristas, em minha participação no 4º Encontro Feminino de Capoeira, realizado em Recife em março de 2013. Para isso, baseio-me em anotações feitas em diário de campo, vídeos e fotos¹ de algumas oficinas realizadas no Encontro e entrevistas realizadas com mulheres que participaram da construção deste.

Tentando encontrar e entender detalhes sobre a constituição de feminilidades em mulheres capoeiristas, dei de cara comigo mesma. Com meus questionamentos. Sobre o que é *ser mulher* em tempos tão complexos, cheios de entrelinhas, onde nada se explicita de maneira pouco contraditória. Onde *matar um leão por dia* pode servir como expressão corriqueira na vida de muitas de nós. Muitas obrigações, poucas regalias. A visão feminista me ajuda a desnaturalizar as contradições no discurso e práticas hegemônicas vigentes no que se refere à mulher e combater as desigualdades vividas de maneiras distintas por nós, no cotidiano.

Falar sobre mulheres capoeiristas é também dizer sobre mim. Comecei capoeira na escola, dez anos antes de escrever estas linhas, como aula de Educação Física. O encantamento começou aí,

¹ Agradeço a disponibilidade do pessoal da organização do 4º Encontro Feminino de Capoeira em me ceder o material mais do que necessário para a construção desta pesquisa.



e permanece. Muitas idas e vindas à capoeira enquanto atividade física, pouco tempo pra treinar. Entretanto, a vida acadêmica me trouxe a possibilidade de compartilhar com a capoeira de outra forma. Estudar a capoeira é também aprender com ela, de “oitiva” (escuta), e assim tentar contribuir para o seu entendimento no mundo das rodas e *além-roda*.

De onde venho

Desde o início de minha vida acadêmica, optei por analisar as relações de gênero num viés feminista, por identificação teórica e política. Utilizar a categoria gênero, numa perspectiva feminista, significa supor relações de desigualdade e opressão vividas pelas mulheres. Também é feminista porque se faz acompanhar de uma intenção de mudança social para enfrentar tais desigualdades. Com isso, estabeleço um compromisso de apontar atitudes e posições sociais que legitimam as desigualdades de gênero. Desta maneira, coloco em evidência que as relações guiadas por estas categorias são construções sociais, culturais e históricas, que nem sempre foram assim, logo, nem sempre deverão ser assim.

A partir de reflexões sobre minhas experiências enquanto capoeirista, pude perceber que são feitas distinções entre o que homens e mulheres ‘podem’ fazer na capoeira, baseadas em classificações de feminino e masculino. Em pesquisa anterior (BEZERRA, 2010) sobre as relações de gênero no universo capoeirístico, concluo que nos espaços privados da capoeira, especialmente nos treinos, não há uma distinção explícita entre o que homens e mulheres treinam, entretanto existe uma invisibilização das mulheres nos espaços públicos proporcionados pela capoeira, como rodas, aulões, batizados, eventos, etc.

Meu interesse em saber como o universo capoeirístico afeta a constituição/construção de feminilidades em mulheres capoeiristas é, também, uma autorreflexão. Duas autoras me ajudam a legitimar o uso de minhas experiências pessoais como matéria prima para a reflexão acadêmica, Sandra Harding (1998) e Miriam Grossi (1992). Corroborando com a perspectiva de que a subjetividade marca de maneira indelével cada trabalho de campo, especialmente no tocante às pesquisas de gênero, Miriam Grossi aponta que os questionamentos sobre a relação sujeito/objeto na Antropologia foi trazido pelas antropólogas. Para Grossi (1992):

[...] a subjetividade que leva a repensar a produção do conhecimento antropológico vai mais além do que simplesmente pensar no 'ponto de vista da outra'. Marilyn Strathern (1987) ao analisar o desenvolvimento da Antropologia Americana pós 68 aponta para o fato de que foram as mulheres que trouxeram para a antropologia as questões relativas à relação sujeito/objeto por suas próprias implicações enquanto mulheres investigando outras mulheres. As antropólogas pós 68 partiam em campo se auto-questionando enquanto mulheres porque estavam imersas, enquanto indivíduos modernos, na 'crise da identidade feminina no Ocidente'. Auto-questionamento presente e central na constituição da



'identidade feminina', marcada no Ocidente pelo vínculo das mulheres com o espaço do privado (GROSSI, 1992, p.11).

Partilho também da perspectiva de Sandra Harding quando esta afirma que novas questões surgem para o mundo acadêmico quando novos sujeitos aportam suas experiências de grupo e/ou pessoais. A autora exemplifica com as pesquisas sobre gênero, que conseguiram tornar relevantes novas questões trazidas pelas mulheres, em acordo com os valores que orientam suas posições e comportamentos sociais, as quais eram invisíveis ou não relevantes para os sujeitos homens no mundo científico. Segundo Harding (1998):

Un rasgo distintivo de la investigación feminista es que define su problemática desde la perspectiva de las experiencias femeninas y que, también, emplea estas experiencias como un indicador significativo de la "realidad" contra la cual se deben contrastar las hipótesis.

Reconocer la importancia de las experiencias femeninas como recurso para el análisis social tiene implicaciones evidentes para la estructuración de las instituciones sociales, de la educación, de los laboratorios, las publicaciones, la difusión cultural y el establecimiento de agencias de servicio; en suma, para la estructuración de la vida social en su totalidad.

[...] Por último, debe decirse que las preguntas que un grupo oprimido desea que se respondan rara vez constituyen demandas de lo que se conoce como la verdad pura. Más bien son interrogantes acerca de las posibilidades para modificar sus condiciones; son también preguntas acerca de como es moldeada su situación por fuerzas que la rebasan, acerca de la forma de superar, vencer o neutralizar esas fuerzas que conspiran contra su emancipación, crecimiento o desarrollo, y acerca de los temas relacionados con todo ello. En consecuencia, los proyectos feministas de investigación no se originan en ninguna clase de "experiencias femeninas" obsoletas sino, principalmente, en las experiencias de las mujeres en la lucha política. [...] Es posible que sólo por medio de tales luchas sea como puede una llegar a entenderse a sí misma y al mundo social (HARDING, 1998, p.6-7).

Dito isso, considero que minha proximidade com o mundo da capoeira me dá elementos para fazer uma reflexão acadêmica sobre gênero num viés feminista, e considerando questões subjetivas em minha interpretação.

Outros conceitos me ajudam a direcionar o olhar no que se refere especificamente à capoeira. Situar esta arte-luta-jogo-dança-ritual sem ser reducionista é um esforço constante, visto que não há tanto material disponível que aborde a capoeira de maneira holística e respeitando suas especificidades. Considero a capoeira como um evento ritual, com normas e regras demarcadas para sua execução, onde é possível compreender como são elaboradas as expectativas de masculinidade e feminilidade que são acionadas por homens e mulheres nas práticas e nas relações sociais, para além do mundo da capoeira. O ritual está sendo aqui percebido como um momento no tempo social em que se acentuam significados e símbolos (PEIRANO, 2003). Nele tornam-se mais evidentes valores e classificações (no caso específico gênero) que formam as pessoas situadas social, cultural e historicamente, pautando práticas e relações que podem ser mais ou menos desiguais.

Perceber a capoeira enquanto performance é também relevante, pois entendo que esta pode ser compreendida como um momento exemplar na vida das pessoas e que marca suas experiências



de uma forma diferente da cotidiana. O conceito de performance a que me alio é de Richard Bauman (1977), trazido por Esther Jean Langdon (2006), que a define enquanto

[...] um evento comunicativo no qual a função poética é dominante, sendo que a experiência invocada pela performance é consequência dos mecanismos poéticos e estéticos produzidos através de vários meios comunicativos simultâneos. A realização de uma performance produz uma *sensação de estranhamento em relação ao cotidiano*, suscitando no espectador um olhar não-cotidiano e criando momentos nos quais a *experiência está em relevo* (Jakobson, 1960) (LANGDON, 2006, p. 166-167, grifos meus).

Esther Langdon situa na performance cinco qualidades inter-relacionadas e constitutivas para a sua compreensão e análise (Langdon, 2006, p. 175-176): (1) *experiência em relevo* – “evento artístico que envolve o ator (*performer*), a forma artística, a plateia e o contexto para criar uma experiência emergente”; (2) *participação expectante* – é imprescindível “a participação plena de todos os presentes no evento para criar a experiência”; (3) *experiência multissensorial* – “a experiência de performance se localiza na sinestesia [...]. A recepção simultânea de vários recursos cria uma experiência unificada uma experiência emotiva, expressiva e sensorial”; (4) *engajamento corporal, sensorial e emocional* – visa “entender a possibilidade de transformação fenomenológica no nível mais profundo do corpo, rejeitando uma divisão cartesiana de experiência, que separa o racional do emocional e do corporal”; e por fim (5) *significado emergente* – considerando cultura enquanto “processo social contínuo, em que ‘novos significados e valores, novas práticas, novos significantes e novas experiências estão sendo continuamente criados’ (Williams, 1973: 11, *apud* Bauman, 1977: 48), [...] a performance implica na experiência imediata, emergente e estética”.

É com este leque de conceitos e argumentos que busco compreender como se dá a constituição de feminilidades em mulheres capoeiristas, a partir da observação participante no 4º Encontro Feminino de Capoeira, em Recife.

Situando o Encontro Feminino de Capoeira

Para entender o contexto do Encontro Feminino de Capoeira, coletei informações através de entrevistas feitas em momentos posteriores a realização da quarta edição deste, que aconteceu entre os dias 22 e 24 de março de 2013, na sede do Centro de Capoeira São Salomão, no bairro do Pina, zona sul do Recife-PE.

Voltemos a 2009. No final de janeiro, algumas mulheres do Centro de Capoeira São Salomão resolveram criar o projeto ‘É cor de rosa choque²’, com a intenção de proporcionar um espaço específico para praticar e refletir sobre a condição de ser mulher capoeirista. Na época, parte

² O nome é uma alusão direta a música da Rita Lee, Cor de Rosa-Choque, do disco Rita Lee e Roberto de Carvalho, de 1982 “(...) por isso não provoque, é cor de rosa choque”.



das mulheres havia engravidado ou estavam com crianças pequenas, além das correrias da vida atribulada pelas múltiplas ocupações com estudos, trabalhos. Com isso, surgiram dificuldades em manter o ritmo estabelecido pelos horários de treinos. Diante deste contexto, a ideia de ter uma manhã por semana – aos sábados – para resistir e refletir sobre as dificuldades das mulheres em se manter na capoeiragem surgiu da demanda delas, ao partilharem suas experiências com as demais. Experiências na vida pessoal de cada uma e as implicações destas em sua vivência coletiva de capoeira trouxeram reflexões importantes para elas, e um dos produtos dessas reflexões é o Encontro Feminino de Capoeira.

A partir destas experiências, entre reflexões e conversas no ‘É cor de rosa choque’ surgiu o projeto de reunir as capoeiristas de Pernambuco, para partilhar e refletir a capoeira, enquanto mulheres. O Encontro Feminino de Capoeira surge em 2010, em comemoração a um ano do projeto ‘É cor de rosa choque’, e no mesmo ano coadunou-se o evento ao lançamento do ‘A mulher entrou na roda’ (CORDEIRO, 2010), livro composto por depoimentos de mulheres capoeiristas de Pernambuco, um material muito importante para entender o contexto da capoeira pernambucana desde os anos 1980. Dada à importância do primeiro Encontro com o lançamento do livro, outras edições foram feitas. Hoje, em sua quarta edição desde 2010, o Encontro Feminino de Capoeira acontece sempre em março, em consonância com as movimentações do Dia Internacional da Mulher, reunindo mulheres das distintas vertentes da capoeira pernambucana, e trazendo outras mulheres capoeiristas do Brasil para ministrar oficinas e compartilhar suas experiências nas rodas do mundo. O Encontro também tem a perspectiva de homenagear as capoeiristas mais antigas por seus feitos e contribuições à capoeira, assim como é feito nos eventos tradicionais de capoeira na intenção de prestar reverências aos capoeiristas mais antigos.

É necessário pontuar que tais conquistas não foram obtidas sem empecilhos. De acordo com informações coletadas em entrevista, no início do projeto ‘É cor de rosa choque’ as mulheres ouviram muitas ‘brincadeiras’ de seus colegas de capoeiragem. Segue um trecho da entrevista com uma das integrantes:

Quando a gente criou o projeto ‘É cor de rosa choque’, os meninos ‘ah vamos criar o projeto azul marinho’, brincando né? Aí outros mais assim, que tem esse lado mais machista disseram ‘não, a gente vai criar o cunhão roxo’, né? Então é uma brincadeira, mas é uma brincadeira que tem assim uma coisa ‘ih, o que é que essas mulheres vão conversar?’ Alguns diziam ‘você vão conversar sobre menstruação? você vão fofocar dos maridos?’. Tiravam essas brincadeiras, que são brincadeiras preconceituosas. *Mas aí a permanência, a manutenção do evento, dos encontros, isso são demonstrações pra elas de poder, né?* Então eles também começam a olhar pra esse movimento não como oposição, mas com respeito. Pela continuidade, pela resistência (Entrevista concedida em 16 mai. 2013. Grifos meus).



A solução encontrada, neste caso específico, foi integrar os homens, desde o início, à construção e organização do Encontro. Eles são os responsáveis pela logística e estrutura do evento, para que as mulheres possam se dedicar integralmente às atividades propostas sem percalços. A intenção delas é, a meu ver, diminuir a desconfiança deles com o espaço, pra que eles vejam o que está sendo debatido e acabem por respeitar seus posicionamentos, e quem sabe alcançar mudanças no cotidiano da capoeira.

No encontro do qual participei, a presença masculina foi maciça, especialmente na primeira noite, na roda de abertura, e durante todo o último dia de encontro. Em situações e sensações vividas enquanto observadora e capoeirista, surgiram inquietações que guiaram a feitura deste texto.

O 4º Encontro Feminino de Capoeira aconteceu entre os dias 22 e 24 de março de 2013, na sede do Centro de Capoeira São Salomão, localizada no bairro do Pina, em Recife. A sede fica no primeiro andar de uma galeria com restaurantes e lojas voltados para o público alternativo. O ambiente é aconchegante, com muitas fotos e cartazes referentes aos mestres mais antigos da capoeira Angola e Regional, além de cartazes de eventos do próprio grupo. Os instrumentos musicais ficam a disposição de todos, posicionados num canto da sala onde fica a marcação no chão onde se realiza a roda.

O Encontro contou com 78 inscritas que circularam nos três dias do evento, e foi organizado com uma programação ampla, que alternou vivências e oficinas de vertentes da capoeira com danças da cultura afro-brasileira e rodas de diálogo. Na noite do dia 22, a roda de acolhimento do Encontro, com a presença de capoeiristas de diversas linhagens e apresentação das convidadas do evento. A partir do dia 23, dias cheios de atividades relacionadas à capoeira, direta ou indiretamente, da manhã entrando pela noite.

O sábado (23) começa com uma oficina de frevo, seguida de uma mesa de abertura também falando sobre frevo e a experiência das mulheres na construção do carnaval pernambucano. A mesa contou com a presença de autoridades políticas das Secretarias da Mulher dos poderes municipal e estadual, e com a organização do Encontro. Depois das apresentações da mesa, uma roda de diálogos foi estabelecida, com as mulheres relatando suas experiências de enfrentamento cotidiano para permanecer na capoeira. Depois do almoço, à tarde, uma oficina de capoeira Angola seguida de roda e encerrada com uma homenagem à Mônica Santana, ministrante da oficina e uma das capoeiristas mais antigas e respeitadas nas rodas de Pernambuco e do mundo. Durante a noite, um sarau para descontrair.



O último dia do Encontro foi agitadoíssimo, começando com uma oficina de maculelê, sucedida por uma oficina de Regional com foco especial para a sequência de cintura desprezada [colocar nota de rodapé], também seguida de roda. Após o almoço, uma vivência de jongo com apresentação de documentário. No finalzinho da tarde, a última conversa para finalizar o evento.

Vivências e sensações no 4º Encontro Feminino de Capoeira

Começar o trabalho de campo de minha dissertação num evento onde pude encontrar grande número de sujeitos para minha pesquisa foi incrível. A ansiedade e o desconforto iniciais da posição de pesquisadora/sujeito foram sendo reduzidos quando percebi que meu traquejo de capoeirista não estava perdido, e encontrei rostos conhecidos. Das poucas pessoas que eu conhecia no Encontro, todas sabiam da minha presença enquanto pesquisadora e da minha vivência enquanto capoeirista. As que não conheciam, estranhavam a presença de um rosto desconhecido, com um caderno vermelho anotando tudo e ao mesmo tempo respondendo o coro e comentando sobre a roda com algumas pessoas que frequentam o espaço.

Nas minhas reflexões de ‘aspirante à antropóloga e/ou capoeirista observadora’ estão os pontos de partida para a construção deste texto. Ao invés de procurar obsessivamente detalhes que me dissessem algo, deixei-me viver o evento nessa aparente contradição e que meus afetos³ guiassem a busca do entendimento do que escrever. Algumas impressões do Encontro foram compartilhadas em conversas informais com amigas que também participaram do evento, me ajudando a problematizar e vislumbrar questões que pudessem passar despercebidas. Além disso, o reencontro com os vídeos das oficinas e rodas, combinado com as anotações do diário de campo serviram como dados.

Trago aqui alguns pontos específicos que me chamaram a atenção no decorrer do Encontro. Deixo claro, entretanto, que este texto é mais uma aproximação do campo do que uma análise, é antes uma tentativa de sistematização de pensamentos e afetos nem sempre organizados e tantas vezes contraditórios. A intenção é, com isso, trazer a tona possíveis caminhos para a análise. Antes da chegada ao campo, nunca havia encontrado muitas mulheres capoeiristas num mesmo lugar, muito menos se reunindo pra pensar sobre isso, direta ou indiretamente. Daí minha curiosidade e ansiedade. Eu não sabia o que encontraria em campo, tinha somente minhas expectativas e minha vivência na capoeira. Em campo, o uso de peças diferenciadas no vestuário feminino e alguns jogos

³ FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13, 2005.



entre homens e mulheres na roda do dia 22 me fizeram pensar sobre a luta e resistência como parte integrante da constituição de feminilidade de mulheres capoeiristas.

Antes de a roda de acolhimento começar, na noite do dia 22, as mulheres foram chegando em pequenos grupos. Todas se cumprimentam com abraços e sorrisos, um clima de muita cortesia. É possível identifica-las por suas calças e camisas dos grupos de origem ao estilo de capoeira que praticam. Além do uniforme tradicional, cada uma delas trazia um diferencial na caracterização. A maioria das mulheres usa cabelos compridos, em penteados soltos em menor número, ou presos em tranças e rabos de cavalo. Acessórios e enfeites das mais variadas formas e estilos (todas usam brincos, pequenos ou grandes) estão presentes no figurino. Tatuagens com nomes de pessoas, desenhos que simbolizam a capoeira, calçados e cintos de cores pouco comuns fazem parte da configuração estética de todas.

Em conversas informais no decorrer do Encontro, pude perceber que a preocupação estética, com relação ao vestuário, é amplamente compartilhada. Nesse universo hegemonicamente masculino, o uniforme é formado por calça, camisa do grupo (obrigatoriamente por dentro da calça e comumente pouco ajustadas ao corpo, se for Angola) e calçados para a proteção dos pés (no caso da Angola, o uso de calçados é obrigatório na maioria dos grupos, na Regional é optativo), uniforme dito neutro. Alguns grupos colocam como obrigatório o uso de cinto e da touca para cobrir os cabelos. Em algumas rodas, como foi relatado, mandam tirar todo tipo de acessório (brincos, colares, pulseiras, anéis, etc.) para poder entrar na roda. As restrições são amplas e nem sempre justificadas, como me disse uma entrevistada, “(...) [se] Eu chegar numa roda de capoeira, mesmo se eu não for jogar, tiver de saia, eu não sento cara. Nem pra tocar. Por quê? Porque não pode. Porque tem que tá de calça” (Entrevista concedida em 11 jun. 2013). As possibilidades de vestuário são restritas num padrão dito neutro, entretanto voltado para o masculino, e, a meu ver, as mulheres em resposta dão um jeito de se diferenciar nos detalhes, numa demonstração de resistência.

O segundo olhar que lanço é sobre alguns jogos vistos na roda de acolhimento do Encontro, na noite do dia 22. Foi uma roda mista, e somente depois do seu início o Mestre informou que esta era a roda tradicional do grupo, e não uma roda específica do evento. Ele apresentou as convidadas, as ministrantes das oficinas e as mais graduadas do grupo, responsáveis pela idealização e organização do Encontro. A roda seguiu de maneira costumeira, com mulheres fazendo parte da



bateria – vez por outra, uma pegava um berimbau (nunca o gunga⁴, que estava sempre na mão do Mestre) –, com jogos intensos entre homens e mulheres, mulheres e mulheres e homens e homens.

Assistindo aos vídeos dos jogos desta roda, confirmei a impressão que tive durante o Encontro, de que nos jogos entre homens e mulheres havia um posicionamento mais agressivo da parte dos homens, se comparado aos jogos entre eles. Nestes jogos pude notar uma quantidade maior de quedas ocasionadas por rasteiras, que vinham acompanhadas de sorrisos e gritinhos por parte dos/das que estavam participando da roda. A postura das mulheres que estavam jogando era de levar ‘na esportiva’, como algo corriqueiro, pois cair numa rasteira realmente é comum nesse universo. Entretanto, a repetição dessa situação me chamou a atenção para pensar como as disputas de poder na capoeira – dentro e fora da roda –, está inter-relacionada com as diferenças de gênero, de maneira ostensiva ou não, a depender do traquejo de homens e mulheres e do tom estabelecido na comunicação. Se soar como brincadeira, fica mais fácil contornar a situação de maneira amena, mesmo que se volte ao assunto em outro momento. Se soar como agressividade explícita, a possibilidade do revide é posta em jogo. Disputar o espaço e ‘não levar um desaforo pra casa’ é a postura da maioria das mulheres nos jogos que vi.

Considerações finais

Levando em conta minha experiência enquanto capoeirista e meus afetos, aliados aos conceitos de gênero numa perspectiva feminista, subjetividade e performance, pude encontrar pontos importantes que me ajudam a entender como as mulheres percebem as relações de gênero dentro da capoeira, como se sentem e se buscam mudanças neste universo. Neste texto não tive a intenção de trazer grandes considerações, pois este reflete um momento de aproximação entre campo e conceitos analíticos.

O que pontuo aqui são as primeiras impressões, coisas que me chamaram a atenção pelo afeto. Foi por sentir as (minhas) contradições do (no) campo que consegui visualizar que resistência e luta são expressões importantes de serem colocadas aqui. É como se, por ser mulher capoeirista, tivesse que ser ‘mais macho que muito homem’ dentro e fora das rodas para ter o seu espaço respeitado. Esse esforço constante é reconhecido como um dos constitutivos obstáculos comuns na experiência delas, ou nossas. Mas sem perder de vista suas experiências e afetos, e certo gingado pra equilibrar a luta e o jogo.

⁴ Berimbau de cabaça maior e som mais grave, que rege a roda.



Referências Bibliográficas

- ALVES, B. M. & PITANGUY, J. *O que é feminismo*. São Paulo, Abril Cultural, Brasiliense. 1985.
- ARAÚJO, Rosângela C. (Mestra Janja). Entrevista. *Revista Textos do Brasil, Edição n. 14 – Capoeira*, Ministério das Relações Exteriores, 2008. Disponível em <<http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/edicao-no-14-capoeira>>. Acesso em 23 set. 2012.
- BAUMAN, Richard e BRIGGS, Charles. “Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social”. *Revista Ilha*, v. 8, n. 1, 2, 2006. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/issue/view/141>>. Acesso em 08 nov. 2012.
- BEZERRA, Paula Natanny Rocha. *Tem mulher na roda? Uma perspectiva feminista sobre as relações de gênero na capoeira*. 2010. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/40387379/Tem-mulher-na-roda>>. Acesso em 20 set. 2011.
- BONI, Valdete e QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro/julho, 2005.
- BRITO, Celso de. Eu Sou Angoleiro, Um Estilo Mandingueiro De Masculinidade. *Boitatá*, v. n. 4, p. 26, 2007.
- CORDEIRO, Izabel Cristina de Araújo (org.). *A mulher entrou na roda: olhares femininos sobre a capoeira de Pernambuco*. Recife: Prefeitura do Recife, 2010.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13, 2005.
- FERNANDES, Carla Cristiane e SILVA, Paula C. da C. *Um estudo sobre a participação feminina na capoeira em Campinas/SP*. 2009. Disponível em <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/viewFile/975/839>>. Acesso em 20 set. 2011.
- GROSSI, Miriam. “Na busca do ‘outro’ encontra-se a si mesmo”. *Trabalho de campo e subjetividade*. Florianópolis: UFSC, 1992.
- HARDING, Sandra. *Existe um método feminista?* 1998. Disponível em <http://caosmosis.acracia.net/wp-content/uploads/2008/07/existe_un_metodo_feminista.pdf>. Acesso em 29 nov. 09.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Dossiê Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil*. Brasília. 2007.
- LANGDON, Esther Jean. “Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs”. *Revista Ilha*, v. 8, n. 1, 2, 2006.
- PEIRANO, Mariza G. S. *Rituais ontem e hoje*. Coleção passo-a-passo: Ciências sociais passo a passo. Jorge Zahar Editores. 2003.
- PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. Capoeira é defesa, ataque, ginga de corpo e malandragem. *Textos do Brasil, Edição n. 14 – Capoeira*, Ministério das Relações Exteriores, 2008.



SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Recife, SOS Corpo – Gênero e Cidadania, 1995.

SILVA, Eusébio Lobo. *O corpo na capoeira*. Campinas, Unicamp. 2008.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: UNICAMP. 2006.

“Tem mulher na roda?” Feminist perspectives about gender and femininity relations on “capoeira”

Abstract: We intend to understand, using both feminist and gender perspectives, the constitution of femininity for women that practice capoeira. The observation strategy, to an ethnographic writing, is based in experiences and performances developed on the “4º Encontro Feminino de Capoeira” (Women 's Capoeira Meeting), that happened in the city of Recife, in 2013. Noticing the universe of capoeira as mostly male, we try to visualize, yet in an approaching moment, in which ways the female and male categories move through the performances, experiences and daily practices lived by these women on these places. We believe that the interlacement between the symbolical and practical dimensions may reveal reproductions and changes on the gender asymmetries, contributing to deepen the understanding of inequalities between men and women in hegemonically social defined instances, as appropriate to constitution of masculinity, such as in capoeira.

Keywords: Capoeira. Gender and femininity. Feminism.